

## | Entrevista

### CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL (SOBER)

**Entrevistado: Dr. Alcido Elenor Wander<sup>1</sup>**

**Entrevistadoras/es: Prof.<sup>a</sup> Dra. Margarete Panerai Araujo<sup>2</sup> e Prof. Dr. Silvio Cezar Arend<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Pesquisador na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2

<sup>2</sup> Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT) / Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional

<sup>3</sup> Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) / Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional

#### Resumo

A realização do 63º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), previsto para 2025 na cidade de Passo Fundo, foi o foco deste estudo. Adotou-se uma metodologia descritiva, utilizando a técnica de entrevista padronizada, com roteiro pré-estabelecido. A entrevista foi realizada de forma síncrona, com envio prévio das perguntas e o encontro ocorreu em 21 de março de 2025 com o entrevistado que é Presidente da atual diretoria da SOBER. O conteúdo abordado tratou de aspectos relevantes sobre a importância do Congresso da SOBER, incluindo sua memória e trajetória histórica, o tema previsto para a edição de 2025, as contribuições para pesquisadores e programas de pós-graduação além das universidades envolvidas, bem como sua representação, enquanto instrumento de articulação, poder e pressão no contexto das políticas públicas. O evento da SOBER se destaca por sua atuação em nível nacional e, por isso, foi objeto de referência e valorização nesta entrevista.

**Palavras-chave:** Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER). Congresso. Pesquisadores. Programas de Pós-Graduação. Universidades.

#### Congress of the Brazilian Society of Rural Economics, Administration and Sociology (SOBER)

The 63rd Congress of the Brazilian Society of Economics, Administration and Rural Sociology (SOBER), scheduled for 2025 in the city of Passo Fundo, was the focus of this study. A descriptive methodology was adopted, using the standardized interview technique, with a pre-established script. The interview was conducted synchronously, with questions sent in advance, and the meeting took place on March 21, 2025 with the interviewee who is the President of the current board of SOBER. The content covered dealt with relevant aspects of the importance of the SOBER Congress, including its memory and historical trajectory, the theme planned for the 2025 edition, the contributions to researchers and graduate programs in addition to the universities involved, as well as its representation, as an instrument of articulation, power and pressure in the context of public policies. The SOBER event stands out for its performance at the national level and, therefore, was the object of reference and appreciation in this interview.

**Keywords:** Brazilian Society of Economics, Administration and Rural Sociology (SOBER). Congress. Researchers. Postgraduate Programs. Universities.

#### Congreso de la Sociedad Brasileña de Economía, Administración y Sociología Rural (SOBER)

El 63º Congreso de la Sociedad Brasileña de Economía, Administración y Sociología Rural (SOBER), previsto para 2025 en la ciudad de Passo Fundo, fue el foco de este estudio. Se adoptó una metodología descriptiva, utilizando la técnica de entrevista estandarizada, con un guión preestablecido. La entrevista se realizó de forma sincrónica, con preguntas enviadas con antelación, y la reunión se llevó a cabo el 21 de marzo de 2025

con el entrevistado quien es Presidente de la actual junta directiva de SOBER. El contenido abordado abordó aspectos relevantes de la importancia del Congreso SOBER, incluyendo su memoria y trayectoria histórica, la temática prevista para la edición 2025, los aportes de investigadores y programas de posgrado además de las universidades involucradas, así como su representación, como instrumento de articulación, poder y presión en el contexto de las políticas públicas. El evento SOBER destaca por su desempeño a nivel nacional y, por ello, fue objeto de referencia y reconocimiento en esta entrevista.

**Palabras clave:** Sociedad Brasileña de Economía, Administración y Sociología Rural (SOBER). Congreso. Investigadores. Programas de Postgrado. Universidades.

**DOI:** <https://doi.org/10.5281/zenodo.15204639>

**ISSN:** 2359-6252

**Editor-chefe:** Vinicius de Souza Moreira

**Editora-adjunta:** Letícia Lima Milani Rodrigues



## Introdução

O atual presidente do Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER) o professor Dr. Alcido Elenor Wander tem se destacado por sua firmeza e compromisso com o fortalecimento das políticas públicas e da representatividade democrática. Em sua gestão, o evento da SOBER, com sua história de dedicação às causas rurais e ao diálogo, tem promovido avanços importantes. Nesta entrevista exclusiva, conhecemos em profundidade o presente e o futuro do Congresso.

### Entrevistadoras/es: Pode nos contar um pouco da memória e história da identidade da SOBER incluindo sua participação?

---

**Entrevistado:** Talvez a SOBER seja uma das sociedades científicas mais antigas no Brasil. Ela começou em fevereiro de 1959 com o grupo de economistas rurais. Fizemos uma primeira reunião e aí eles decidiram que iriam fundar a Sociedade Brasileira de Economistas Rurais. Acabamos de completar 66 anos, enquanto sociedade científica. Já tem uma certa tradição! Ganhamos mais áreas como a Sociologia Rural e por último a Administração Rural.

Então era um grupo, segundo a história contada, com 44 economistas rurais. Nos primeiros anos faziam eventos bianuais e depois passaram a ser anuais. Essa história desde a sua criação sempre teve uma ligação muito estreita com as Universidades, pois as pesquisas sempre tiveram uma interface próxima com os institutos e universidades na área da agropecuária nos estados. Depois da década de 1970 foi criada a Embrapa, que também passou a ter uma participação bastante intensa, oscilando ao longo do tempo. A partir da consolidação da pós-graduação no Brasil houve avanço e isso representa a SOBER. Chegamos hoje a uma condição de ter em torno de 500 sócios, que estão ativos e os congressos aconteceram inclusive no momento da pandemia.

Talvez um dos pilares principais da SOBER em termos de programas de pós-graduação e de pesquisas que estão sendo geradas, seja muita interdisciplinaridade sendo posta em prática. Isso traz muita riqueza de diversidade, de tipos de estudos que estão sendo feitos voltados para o ambiente rural com todas as Escolas possíveis dentro de cada área de conhecimento. Nos congressos acontecem sempre novas discussões. Então a gente tem, de alguma forma, muita participação ativa como os estudos na área da Ciências Sociais Aplicadas, Extensão Rural e Comunicação voltada para o rural. São as diversidades. A gente tem muitas realidades e muitos rurais aí Brasil afora. E a gente precisa enquanto sociedade ter um olhar para todo esse conjunto aí.

Como eu ajudo? Sai do município Arroio do Tigre (RS) e fui para uma escola agro técnica federal, em Sertão-RS, que hoje é Instituto Federal e surgiu uma oportunidade de auxílio em fazer um estágio na Alemanha em 1990. E depois as possibilidades de fazer graduação, mestrado e doutorado. Voltei da Alemanha em 1999 para fazer uma pesquisa de campo do Doutorado na região de Santa Cruz do Sul. Retornei para Alemanha para fazer a finalização do Doutorado e logo após para assumir um trabalho na Embrapa. Comecei na SOBER em 2002, que por acaso foi em Passo Fundo. Desde aquela época eu tenho participado ativamente nos congressos. Em 2018 teve a eleição, então eu passei a compor a diretoria a partir de 2019 como Coordenador Científico. No primeiro momento, a fase mais desafiadora foi realizar um congresso virtual sem saber e, então, aprender a fazer, inclusive sem recursos, porque a regra é conseguir fazer um evento de qualidade com poucos recursos. Avançamos. Fizemos dois congressos virtuais em 2020 em 2021 em função da pandemia. Esse último também envolveu o cooperativismo. Depois eu acabei virando Vice-Presidente da Região Centro-Oeste e então Presidente na Diretoria atual. A SOBER tem como organização um Presidente, um Diretor Secretário, um Coordenador Científico, cinco Vice-Presidentes e mais dois Representantes Regionais por região. Este ano no Congresso de Passo Fundo nós já vamos passar o bastão para a nova Diretoria que assume, já com o novo estatuto, que foi aprovado no começo de 2024, que é uma atualização. E então a Diretoria passa a ter um formato diferente e com um número menor de pessoas.

“[...] é uma cultura *Soberiana* [referente ao congresso SOBER], eu acho que uma vez picado por esse mosquito, [...], você acha que isso não sai mais de você de alguma forma ou outra você vai estar envolvido. E eu sou muito grato a todas as oportunidades que essa picada de mosquito trouxe para gente, eu aprendi muito, tenho aprendido muito e, espero continuar aprendendo.”

**Entrevistadoras/es: O tema do congresso da SOBER 2025: “Tecnologias, Energias Renováveis e Financiamento Verde no Agronegócio” oferecem condições para refletir sobre as mudanças econômicas, sociopolíticas, climáticas e naturais no estado do Rio Grande Sul - frente a tragédia de alagamento que aconteceu - e no Brasil com alagamentos e incêndios se espalhando. Você pode nos justificar e nos dar argumentos sobre a escolha deste tema que se tornou tão relevante nos últimos anos?**

**Entrevistado:** Bem, talvez seja importante o resgate de como é que funciona. Vários grupos decidem colaborar com a SOBER e buscam mais parceiros na região e levam para o congresso a data possível para o próximo ano. Então historicamente na Assembleia dos Associados, se decide a sede do próximo congresso, para o ano seguinte. Para o ano que vem (2026), vamos repetir no Rio Grande do Sul em função de ter o evento internacional XVI Congresso Mundial de Sociologia Rural, da Associação Internacional de Sociologia Rural (IRSA) e o 64º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER) que serão realizados em conjunto de 19 a 23 de julho de 2026, na UFRGS. Isso já foi decidido com mais antecedência. Isso também é uma exceção na história.

O formato do Congresso passa por definições anuais: tema do congresso, a estrutura de programação, como nós queremos fazer, o que temos de infraestrutura, com quem contar. Então, procuramos fazer uma programação muito adaptada à realidade das instituições que estão sediando o congresso, como tamanho, quantidade de auditórios, etc. E tem que ajustar isso de acordo com a estrutura, porque a gente não consegue pagar pelo espaço. Então nesses diálogos entre a Diretoria da SOBER e a Comissão Local são estabelecidas as possibilidades. Chegamos nesse tema querendo então conectar a tecnologias, energias renováveis e o financiamento verde.

A tecnologia é a base para garantir a competitividade da agropecuária e de toda a cadeia produtiva, incluindo agroindústrias e outros setores relacionados. Sem inovação tecnológica, essas cadeias – sejam elas curtas ou longas – tornam-se mais vulneráveis e menos eficientes. Nesse contexto, o financiamento verde desempenha um papel estratégico, possibilitando investimentos sustentáveis que impulsionam a adoção de tecnologias inovadoras. Além disso, as energias renováveis complementam esse cenário, reduzindo custos operacionais e tornando a produção mais sustentável. Assim, ao integrar tecnologia, financiamento verde e energias renováveis, fortalecemos a competitividade e a resiliência do setor agroindustrial.

No Rio Grande do Sul, há uma grande diversidade de cadeias produtivas, que vão desde circuitos curtos de comercialização até cadeias globalizadas. Nesse cenário, a tecnologia desempenha um papel fundamental para fortalecer a competitividade e a sustentabilidade desses sistemas. A busca por fontes renováveis de energia no Brasil não é recente. Em 2025, por exemplo, completam-se 50 anos do programa Proálcool, uma iniciativa que incentivou o uso do etanol como alternativa ao petróleo.

No Rio Grande do Sul, a experiência com o etanol teve momentos desafiadores, como a tentativa, na década de 1980, de adaptar tratores ao álcool. No entanto, o aumento do preço do açúcar e a escassez do combustível comprometeram essa estratégia. Atualmente, outras fontes de energia renovável vêm ganhando força no estado, especialmente a energia solar. Pequenas propriedades já contam com usinas fotovoltaicas próprias e a região do Planalto Médio, incluindo Passo Fundo, abriga empresas voltadas para essa tecnologia. A diversificação das fontes energéticas e a incorporação de inovação tecnológica são essenciais para fortalecer a economia local e garantir maior sustentabilidade no setor agropecuário. Na região de Passo Fundo, há um movimento crescente em busca de energias renováveis, incluindo a produção de biocombustíveis a partir de diferentes culturas. Esse anseio por

alternativas sustentáveis reflete uma preocupação mais ampla com os desafios ambientais e climáticos enfrentados pelo estado.

Muitos se referem às enchentes de maio de 2024 como o grande desastre climático, mas os problemas começaram antes. Já no final de abril, cidades como Arroio do Tigre/RS e outras regiões sofreram com chuvas intensas, que destruíram pontes e causaram estragos, que ainda não foram totalmente reparados. A água acumulada nas áreas serranas desceu para as regiões mais baixas e planas, onde o escoamento se tornou cada vez mais lento, agravando a situação de forma inédita. Mesmo no segundo semestre de 2024, houve episódios de chuvas acima da média, especialmente na Depressão Central. Isso impactou o plantio de arroz, que sofreu atrasos significativos, afetando diretamente o potencial produtivo das lavouras. Embora esses eventos não comparáveis e não tão intensos quanto os de abril-maio de 2024, eles reforçam a necessidade de adaptação e planejamento diante das mudanças climáticas.

Diante desse cenário, a transição para energias renováveis se torna ainda mais urgente. O impacto das fontes de energia não renováveis no aquecimento global é inegável, contribuindo para eventos climáticos extremos, que afetam diretamente a produção agrícola e a infraestrutura do estado. Reduzir essa dependência e investir em alternativas sustentáveis é um passo essencial para minimizar esses impactos e garantir maior resiliência às mudanças ambientais. Além da transição para energias renováveis, é fundamental associar esse processo a um planejamento financeiro sustentável. Não se trata apenas de garantir o acesso a fontes limpas de energia, mas também de reestruturar as cadeias produtivas para torná-las mais eficientes e menos impactantes do ponto de vista ambiental. Seja em cadeias curtas, médias, longas, locais ou globais, sempre há oportunidades para aprimorar práticas e reduzir impactos negativos.

Essa necessidade de transformação e inovação foi um dos principais pontos discutidos entre a equipe de Passo Fundo e a Diretoria da SOBER. A definição da temática do Congresso seguiu um processo colaborativo, envolvendo tanto a Comissão Local da cidade-sede e a Diretoria, em busca de um consenso entre todas as partes. Dessa forma, chegamos a um tema que reflete os desafios e oportunidades do setor, alinhando tecnologia, sustentabilidade e planejamento estratégico para um futuro mais resiliente e sustentável. O impacto das mudanças climáticas no estado do Rio Grande do Sul não pode ser analisado apenas sob uma perspectiva local. Embora ações regionais possam ter contribuído para a situação, o fenômeno climático que ocorreu é global.

Um dos fatores determinantes foi a dinâmica atmosférica alterada, que direcionou umidade da Amazônia para a região de uma forma atípica. Esse deslocamento foi intensificado por um bloqueio atmosférico no centro do Brasil, que impediu a dispersão da umidade e manteve o clima extremamente seco em outras áreas do Brasil. Como resultado, a umidade foi canalizada quase inteiramente para o Sul, aumentando a intensidade das chuvas e agravando os impactos no estado. Essa conexão entre eventos climáticos regionais e padrões globais reforça a importância de discutir estratégias de adaptação e mitigação. Entender essas interações climáticas e buscar soluções sustentáveis é essencial para reduzir vulnerabilidades e construir um futuro mais resiliente.

Os desafios enfrentados pelo Rio Grande do Sul não são consequência apenas de ações locais. Embora as decisões regionais tenham um impacto significativo, há também fatores globais que influenciam diretamente essas mudanças, especialmente no que diz respeito ao clima e à sustentabilidade. Além disso, essa temática que construímos está alinhada com um contexto ainda maior. Em novembro, o Brasil sediará a COP 30 (Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas), um evento de grande relevância para o debate sobre mudanças climáticas e sustentabilidade. A realização da conferência em Belém, no coração da Amazônia, traz muitas emoções e os desafios logísticos são consideráveis, mas também representa uma oportunidade única para discutir a transição energética e o papel do Brasil no cenário global. Assim, todas essas discussões que estamos promovendo já estão, de certa forma, conectadas a esse debate mais amplo. A busca por soluções sustentáveis, o financiamento verde e a adoção de novas tecnologias fazem parte de um movimento que transcende

fronteiras, tornando-se cada vez mais essencial para garantir um futuro sustentável para o Brasil e o mundo.

### **Entrevistadoras/es: Como a SOBER pode ampliar a sua participação, enquanto instrumento de poder e pressão, no contexto das políticas públicas?**

---

**Entrevistado:** Como uma sociedade científica, cultural e educacional de certa forma também, a SOBER tem a condição de atuar de várias maneiras. Então ela consegue promover intercâmbio entre as pessoas que estudam Ciências Sociais Rurais no Brasil e no exterior. Promove pesquisa, promove ensino, promove estudos e consegue conectar pessoas. Assim, isso pode facilitar a conexão entre pessoas. Às vezes, alguém está procurando por outra pessoa em um determinado local que estude um assunto de interesse, mas tem dificuldade de encontrar. Daí a SOBER pode indicar e ajudar a tornar essa conexão mais fácil.

Nós promovemos uma série de reuniões. Vamos pensar num exemplo prático: de quando é o nosso último Censo Agropecuário? Foi em 2017, já faz um tempo, né? Muita coisa mudou desde então – e vai continuar mudando. Está previsto um novo Censo para 2026, mas o grande desafio é garantir recursos orçamentários, o que, no nível do governo, sempre é complicado. Diante disso, fizemos uma mobilização: enviamos cartas para várias pessoas que têm poder de decisão e que podem contribuir com o processo. Temos, inclusive, várias pessoas da nossa rede que participam de comitês no próprio IBGE, ajudando a preparar e discutir o questionário do próximo Censo Agropecuário. Também estamos articulando ações com o Congresso Nacional, buscando que uma parte das emendas parlamentares possa ser destinada a esse tema para que o Censo realmente aconteça.

Então é só pressionar. Talvez pressionar não seja o termo mais adequado. Considerando o tipo de trabalho que a gente faz, que é o trabalho de formiguinha de articulação e convencimento. Mas representa de certa forma a intenção de pressionar, mas a gente interage, tenta convencer da importância. Sensibilizar parlamentares também faz parte desse esforço. Esse é um tipo de trabalho que a gente vem fazendo ao longo do tempo – e eu usei aqui apenas o exemplo do Censo Agropecuário. Esse levantamento precisa acontecer agora, porque é fundamental termos informações amplas, completas e atualizadas sobre a agropecuária no Brasil inteiro. Sem esses dados, tomamos decisões no escuro. É justamente aí que a SOBER tem atuado: mobilizando, articulando, promovendo diálogos com quem pode fazer a diferença. Os eventos que organizamos, além dos congressos em nível nacional, também cumprem esse papel. São espaços importantes de troca de ideias, de construção coletiva e de articulação entre diferentes setores. Tudo isso fortalece as redes de colaboração e amplia o impacto do nosso trabalho.

A SOBER também tem se mostrado um caminho importante para organizar esse tipo de evento. Na Região Norte, por exemplo, esses encontros têm sido realizados, em geral, de forma virtual – mesmo após o arrefecimento da pandemia. Isso por razões óbvias: o custo de realização de eventos presenciais na região é muito alto, o que torna difícil a viabilização nesse formato. Por isso, os encontros virtuais seguem sendo a melhor alternativa por lá. Já no Nordeste, os eventos regionais voltaram a acontecer de forma presencial, seguindo a dinâmica local. Outras regiões, como o Sul, por exemplo, ainda não realizaram encontros regionais da SOBER, mas é algo que pode e deve ser estimulado. Afinal, esses espaços são fundamentais para o intercâmbio de ideias, a construção de redes e o fortalecimento da atuação em cada território.

Ainda não conseguimos viabilizar eventos em todas as regiões, mas seguimos avançando. Outro ponto importante é que, em algumas situações, temos recebido demandas de Ministérios que precisam de dados ou de determinados tipos de estudos. Nesses casos, a SOBER tem atuado como mediadora, conectando essas demandas com pessoas ou equipes que possam atendê-las. Vale lembrar que a SOBER, enquanto sociedade, não realiza diretamente os estudos. Quem realiza são os pesquisadores, as pesquisadoras, as instituições. Mas a SOBER pode sim funcionar como uma ponte, aproximando quem precisa de informações de qualidade daqueles que têm a capacidade técnica para produzi-las.

Esse papel também se estende à defesa da ciência. Quando surgem situações como cortes de orçamento em Ciência e Tecnologia – algo que infelizmente já aconteceu diversas vezes –, a SOBER atua de forma articulada. Realizamos comunicações, promovemos mobilizações, reforçando publicamente a importância da pesquisa científica para o desenvolvimento do país. Ao longo dos últimos anos, sempre que recebemos comunicações preocupantes, como grandes reduções orçamentárias em áreas estratégicas, nos posicionamos e buscamos reunir forças para defender a continuidade e o fortalecimento da ciência brasileira.

Nas situações em que há risco de paralisação ou enfraquecimento de ações importantes – como no caso dos cortes em ciência e tecnologia – a SOBER também tem buscado dialogar com as instâncias decisórias, sensibilizando sobre a importância de manter essas iniciativas ativas e priorizadas. É fundamental que esses temas recebam a devida atenção, para que possam continuar acontecendo com força total, como o país precisa e merece. Esses são apenas alguns exemplos de como a SOBER pode se engajar. Mas é essencial lembrar que a SOBER é feita de pessoas – e todas elas já têm suas atividades profissionais, suas responsabilidades. Todo o trabalho realizado é voluntário, movido por um espírito coletivo, por um compromisso com a sociedade e com o bem comum. Por isso, é tão importante que esse espírito coletivo nunca se perca. Precisamos manter viva essa disposição de contribuir, de construir juntos, de lutar por uma ciência mais forte e por políticas públicas melhores. Porque, no fim das contas, é isso que sustenta e dá sentido ao trabalho da SOBER.

### **Entrevistadoras/es: Qual a previsão de contribuição do congresso de 2025 para os pesquisadores e universidades (pós-graduação) envolvidas?**

---

**Entrevistado:** Um aspecto que sempre chama a atenção na SOBER é esse envolvimento direto e o incentivo constante à participação dos alunos de graduação e pós-graduação. Isso não é algo comum em todas as associações acadêmicas e, na SOBER, virou uma marca registrada. Um exemplo claro disso é o Prêmio de Iniciação Científica, que tem um papel fundamental nesse processo. Ele funciona como um estímulo concreto para que os jovens continuem se dedicando à pesquisa, contribuindo para formar novas gerações de economistas, administradores, sociólogos, extensionistas e tantos outros profissionais comprometidos com o estudo do rural brasileiro.

Essa valorização não fica apenas no discurso. Muitos estudantes e pós-graduandos ocupam espaços de protagonismo dentro da própria estrutura da SOBER. Para se ter uma ideia, na atual gestão, temos um doutorando eleito para compor o Conselho Fiscal, além de pós-graduandos que participam ativamente na diretoria. Isso mostra que, na SOBER, o compromisso com a formação e inserção das novas gerações é real, concreto e permanente. Esse envolvimento desde cedo é algo que a SOBER tem promovido ao longo de toda a sua história – e isso é um diferencial importante em relação a muitas outras associações da área, inclusive em nível internacional. A valorização dos estudantes e jovens pesquisadores é uma marca forte da SOBER. Um exemplo disso são as premiações oferecidas, que funcionam como um grande atrativo para quem deseja se engajar. Desde a iniciação científica, passando pelas dissertações de mestrado até as teses de doutorado, há reconhecimento para os trabalhos de excelência. Isso estimula a participação, motiva os jovens talentos e reforça a importância da pesquisa desde o início da trajetória acadêmica.

Isso é algo muito nobre na trajetória da SOBER – e com certeza é algo que não pode e não deve mudar. As pessoas vão mudar, as gestões vão se renovar, como é natural em qualquer instituição viva. Mas a presença forte dos estudantes nos congressos da SOBER é algo essencial, é parte da identidade da nossa associação. É essa participação estudantil que renova o fôlego da nossa comunidade científica, que traz novas ideias, novas perspectivas e mantém o espírito da colaboração vivo. Por isso, eu espero – sinceramente – que isso nunca se perca. Que a SOBER continue sendo esse espaço de acolhimento, incentivo e protagonismo para quem está começando na ciência. Pelo menos eu espero que nunca acabe, né?

Nos congressos da SOBER, a gente sempre procura trazer nomes que inspirem os estudantes. Pensamos em quem vai estar presente, que sessões serão organizadas, quem eles terão a chance de

ouvir e com quem poderão interagir, mesmo estando no início da caminhada acadêmica. Além disso, buscamos convidar referências em suas áreas de atuação – especialistas reconhecidos que possam agregar conhecimento e motivação. E, sempre que possível, incluímos também participantes internacionais, trazendo visões de fora e ampliando o horizonte das discussões.

Outra parte muito especial dos congressos é o último dia, geralmente reservado para os minicursos. Esses cursos são pensados especialmente para os estudantes, abordando temas que muitas vezes não estão disponíveis nos seus cursos de graduação ou pós-graduação – seja pela falta de professores especializados ou pela ausência do conteúdo na grade curricular. Assim, mesmo depois do encerramento das apresentações, ainda há atividades riquíssimas que representam uma oportunidade única de qualificação e aprofundamento. É um complemento valioso que reforça o compromisso da SOBER com a formação ampla e de qualidade das novas gerações.

**Entrevistadoras/es: Uma sociedade com mais de 63 anos de existência marcada por inúmeras transformações e oferecendo subsídios para a implementação de políticas públicas voltadas para setores agrícolas, agroindustriais e áreas rurais, na sua opinião quais os principais pontos a observar, neste momento, sobre a tecnologia?**

---

**Entrevistado:** Pensando no papel da tecnologia, os congressos da SOBER – embora não exclusivamente, mas especialmente neles – têm sido espaços fundamentais para discutir e avaliar políticas públicas. Nesses encontros, conseguimos abordar desde o início do ciclo dessas políticas: começando pela geração de dados, como os censos agropecuários e outras estatísticas fundamentais, que servem de base para a formulação das políticas. Passamos pela elaboração, implementação e seguimos até o monitoramento e a avaliação dessas ações.

É um percurso completo que a SOBER ajuda a iluminar, conectando pesquisadores, técnicos, gestores e estudantes nesse debate. Muitas dessas políticas estão diretamente ligadas ao desenvolvimento e à disseminação de tecnologias – seja promovendo a criação de novas soluções, seja adaptando tecnologias existentes à realidade da agricultura em diferentes regiões do país. Isso é essencial para garantir que as inovações realmente façam sentido para os agricultores, para as comunidades e para o desenvolvimento sustentável do meio rural.

A gente tem percebido, ao longo do tempo, uma atuação muito próxima dela com relação às políticas públicas. Agora, estamos trazendo o tema da tecnologia com mais ênfase, especialmente diante das muitas transformações tecnológicas que estão ocorrendo – todo esse processo de digitalização e as novas ferramentas que vêm surgindo nesse contexto. Essas inovações abrem diversas possibilidades importantes para a agricultura e não podemos ignorá-las. Essas tecnologias são fundamentais, inclusive, para que os pequenos produtores consigam se incluir nessas novas realidades e também se beneficiar delas, evitando que fiquem à margem do processo – o que sempre é uma preocupação. Afinal, como o pequeno produtor vai conseguir acessar essas tecnologias, muitas vezes caras ou complexas para sua realidade? É aí que entra a discussão: como essas tecnologias poderiam ser adaptadas ou oferecidas de forma acessível – talvez por meio de uso compartilhado – para que também estejam ao alcance dos pequenos? Essa inclusão é essencial, porque estamos no meio de uma grande transformação e é importante que todos possam fazer parte dela.

A questão da sucessão no campo é um desafio, especialmente nas pequenas propriedades. Muitos jovens acabam optando por seguir outros caminhos porque não enxergam viabilidade na continuidade daquela realidade rural. Mas, a chegada de novas tecnologias pode abrir novas perspectivas, criando motivações para que esses jovens queiram permanecer na área rural e dar continuidade ao trabalho iniciado por seus pais ao longo dos anos. As tecnologias representam a base da competitividade em todas as escalas de produção – seja micro, pequena, média ou grande. Todos dependem da tecnologia para se manterem viáveis. Por isso, estamos dando uma ênfase especial a esse tema neste ano. No passado, o foco era mais voltado às políticas públicas – o que continua sendo importante, claro, porque são elas que muitas vezes fomentam e viabilizam a adoção de novas tecnologias.

Mas, além disso, queremos destacar também o olhar para as pessoas, para os agricultores em si. A pergunta que nos guia é: como garantir que eles realmente consigam acessar e se beneficiar dessas inovações? Como incluir todos nesse processo de transformação tecnológica? Não sei se essa explicação vai na direção do que vocês esperavam, mas é nesse sentido que estamos construindo essa discussão.

### **Entrevistadoras/es: A previsão de realizar o evento em Porto Alegre (2026) e de alcançar o nível internacional em conjunto com o Congresso Mundial de Sociologia Rural é um sonho ainda ou já é realidade?**

---

**Entrevistado:** O Congresso de 2026 já não é mais apenas uma ideia ou um sonho – ele já é uma realidade. Na verdade, ao longo do segundo semestre do ano passado, durante conversas em Palmas, essa possibilidade já vinha sendo comentada. Por exemplo, já estávamos nos mobilizando e fazendo articulações para trazer o congresso de sociologia rural para Porto Alegre.

Naquele momento, a equipe da UFRGS já estava iniciando negociações com a Associação Internacional de Sociologia Rural. E ao longo do segundo semestre, essa ideia se consolidou. A Associação manifestou interesse real em realizar o congresso no Brasil, o que confirmou a viabilidade do projeto. Então sim, o congresso de 2026 já está em construção e é uma conquista concreta. Realizar dois congressos consecutivos no mesmo estado é algo inédito – tradicionalmente, há uma alternância entre os estados-sede. No entanto, neste caso, abrem-se exceções justificadas. O Congresso de 2026 será novamente em Porto Alegre, justamente por estar sendo realizado em conjunto com o Congresso Internacional de Sociologia Rural.

A liderança da organização em Porto Alegre está nas mãos da Vice-Presidência da região Sul da SOBER, que também está sediada na cidade, junto com a equipe da UFRGS. Além disso, o futuro Diretor Científico do congresso é da Unipampa e também atua no Rio Grande do Sul. Ou seja, temos uma equipe local bastante forte e engajada, o que reforça o potencial para realizarmos um congresso de altíssimo nível. Essa realização conjunta retoma, de certa forma, uma experiência histórica: em 2000, o Congresso Mundial de Sociologia Rural foi realizado no Brasil, no Rio de Janeiro, junto com o Congresso da SOBER. Claro, eram outros tempos, com outras dimensões, temas e desafios. Agora, em 2026, temos a oportunidade de realizar esse evento novamente, com uma nova estrutura e perspectivas atualizadas. O congresso está previsto para acontecer de 19 a 23 de julho, ainda dentro do mês tradicional para esse tipo de evento. E acreditamos que será uma oportunidade única para Programas de Pós-Graduação da região – não só participar, mas também assumir um papel protagonista, em parceria com a equipe da UFRGS. A expectativa é que outras instituições e parceiros também se mobilizem para construir um evento à altura da sua importância.

A junção desses dois congressos certamente elevará o nível do evento. Ele terá uma nova dimensão, com potencial de atrair participantes que talvez não comparecessem a um congresso nacional isolado. A união da SOBER com a comunidade internacional de sociologia rural vai, sem dúvida, gerar um congresso marcante, tanto para o Brasil quanto para a comunidade científica internacional. Estamos bastante otimistas em relação ao sucesso do evento. Ele já é uma realidade, na medida em que está sendo ativamente organizado e construído. Inclusive, já contratamos a plataforma que fará a gestão do congresso – a mesma que utilizamos na última edição da SOBER. Ela será utilizada para o evento conjunto também, o que traz mais familiaridade e segurança para o processo.

Organizar dois congressos em paralelo, claro, traz desafios significativos. Mas são justamente esses desafios que nos movem e nos fazem crescer. A boa notícia é que já temos uma nova gestão prestes a assumir e ela está totalmente engajada na preparação para o congresso de 2026. Estamos, inclusive, buscando concentrar os esforços de maneira estratégica: a equipe mais envolvida com o congresso deste ano foca suas energias nele, enquanto outras pessoas já começam a se dedicar mais intensamente à organização do evento de 2026.

Essa divisão de tarefas é essencial – afinal, não é sustentável que as mesmas pessoas conduzam integralmente os dois processos. Onde for possível, essa separação de responsabilidades vai facilitar o andamento de tudo. A participação da UFRGS, especialmente por estar em Porto Alegre, será fundamental. A proximidade geográfica e institucional favorece o engajamento e temos certeza de que isso será um diferencial importante para a construção de um congresso marcante. Só para termos uma ideia da dimensão: o congresso da SOBER, mesmo quando realizado em cidades do interior, como Passo Fundo, costuma mobilizar de 500 a 600 trabalhos submetidos. Em edições maiores, esse número foi ainda mais expressivo. Porto Alegre, por ser uma capital, naturalmente tem maior poder de atração. A última vez que o congresso foi realizado lá foi em 2009. Agora, com a união da SOBER ao congresso internacional, é possível que esse número dobre – podemos estar falando de algo em torno de duas mil pessoas envolvidas.

Gerenciar um evento desse porte exige estrutura, mas também oferece uma oportunidade única: a de reencontrar colegas, fortalecer redes e retomar interações que, muitas vezes, ficam adormecidas ao longo do tempo. O congresso presencial tem esse valor inestimável – o encontro direto, o diálogo olho no olho, as trocas que só acontecem ao vivo. Isso é fundamental e nos anima ainda mais.

## REFERÊNCIAS

MARCONI, M. de A.; LAKATOS. **Técnicas de pesquisa**. Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa. Elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1990.

## Sobre o entrevistado



**Alcido Elenor Wander**    
[alcido.wander@embrapa.br](mailto:alcido.wander@embrapa.br)

Possui graduação em Agronomia pela University of Kassel (Alemanha, 1996), mestrado em Ciências Agrárias dos Trópicos e Subtrópicos pela University of Göttingen (Alemanha, 1998) e doutorado em Ciências Agrárias (Concentração: Economia Agrícola) pela University of Göttingen (Alemanha, 2002). É pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), docente permanente dos Programas de Pós-Graduação em Agronegócio (Universidade Federal de Goiás - UFG) e Desenvolvimento Regional (Centro Universitário Alves Faria - UNIALFA). É Presidente da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER) na Gestão 2023-2025. É membro do Conselho Superior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (CONSUP/FAPEG), do Conselho Superior do IF Goiano e do Conselho Temático Agroindustrial da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (CTA-FIEG). É avaliador de diversas agências de fomento à pesquisa científica nacional. É membro do Comitê Editorial de revistas como Revista Econômica do Nordeste, Agronomia Costarricense e Revista de Política Agrícola. Tem experiência na área de Economia, com ênfase em Economia do Agronegócio, atuando principalmente nos seguintes temas: agricultura familiar, agronegócio, desenvolvimento regional, competitividade e viabilidade econômica. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2.

## Entrevistadoras/es

**Margarete Panerai Araujo**    
[margaretepanerai@gmail.com](mailto:margaretepanerai@gmail.com)

Pós-doutorado em Desenvolvimento Regional PPGDR - UNISC (2023); Pós-doutorado em Administração Pública e de Empresas em Políticas e Estratégias pela FGV EBAPE/RJ (2013); e pós-doutorado em Comunicação Social, Cidadania e Região na UMESP nas Cátedras UNESCO de Comunicação e Gestão de Cidades (2010). Possui Doutorado em Comunicação Social pela PUCRS (2004); Mestrado em Serviço Social (1999) com bolsa CNPQ; e Especialização em Antropologia Social (1989). Sua graduação com Bacharelado e Licenciatura é em Ciências Sociais pela PUCRS (1987). Participa do Grupo de Pesquisa do CNPQ GEPEUR/ da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

**Silvio Cezar Arend**    
[silvio@unisc.br](mailto:silvio@unisc.br)

Economista (FISC, 1999), Me. em Economia Rural (UFRGS, 1993), Dr. em Economia (UFRGS, 2001) e estágio pós-doutoral (UNIOESTE, 2015). Professor Titular, Departamento de Gestão de Negócios e Comunicação e Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), com atividades de docência e pesquisa no PPGDR e nos cursos de Ciências Econômicas e Relações Internacionais, nas áreas de meio ambiente e desenvolvimento sustentável, indicadores de desenvolvimento, desenvolvimento regional, desenvolvimento econômico, economia brasileira, teoria dos jogos e econometria.